

Fome ameaça 150 famílias de Itaóca

Proibição da captura de caranguejos no defeso deixa os catadores sem recursos

Paulo Roberto Araújo

• Viúva, mãe de seis filhos, Maria Helena Souza Dantas, de 46 anos, sustenta a família com menos de R\$ 100 mensais da pensão do marido. E gaba-se de ajudar os vizinhos que não têm nenhuma renda e estão passando necessidades na Ilha de Itaóca, em São Gonçalo, desde o mês passado, quando, pela primeira vez, o Ibama incluiu o Rio no período de defeso do caranguejo (época em que é proibida a captura porque a espécie está se reproduzindo). O crustáceo, em processo de extinção, é encontrado nos manguezais do fundo da Baía de Guanabara.

Catadores receberão seguro-desemprego

Maria Helena e os filhos, um deles adotivo e uma filha que é mãe solteira, formam uma das 150 famílias que foram ontem ao Ciep Carlos Marighela, na Ilha de Itaóca, reivindicar cidadania. Representantes do Exército, Fundação Leão XIII, Prefeitura, Ministério do Trabalho e Instituto Félix Pacheco emitiram certidões de nascimento, casamento, certificado de reservista e carteira de identidade para os catadores de caranguejos e pescadores artesanais. Eles jamais se preocuparam com isso, mas agora a documentação é indispensável para reivindicar seguro-desemprego, previsto na Lei federal 8.287 para pescadores artesanais na época do defeso.

— Tem muita gente quase passando fome aqui na ilha. Estou vivendo só com a pensão, mas mesmo com tanta dificuldade prefiro esperar até dezembro. Eu pego caranguejos desde quando tinha 11 anos de idade. Naquela época, eles entravam nas nossas casas. Hoje, está difícil encontrá-los. Acho importante garantir a procriação para garantir nosso futuro — diz Maria Helena, que mora numa casa de pau-a-pique de dois cômodos, numa rua sem água, luz e saneamento, no local conhecido como Focinho do Porco.

Localizada no fundo da Baía de Guanabara, na Área de Proteção

Ambiental (APA) de Guapimirim, a Ilha de Itaóca é ligada ao continente pela Ponte do Rodízio. Os dois mil habitantes vivem da pesca artesanal, do caranguejo e do trabalho na Ilha de Paquetá, ligada a Itaóca por lanchas que fazem a travessia em 20 minutos.

Batalhão Florestal apreende caranguejos

Desde o início de setembro, o Batalhão Florestal da PM, a pedido do Ibama, vem fazendo batidas nas feiras-livres e outros pontos de Niterói e São Gonçalo. Em setembro e nos primeiros dias de outubro, 7.292 caranguejos já foram apreendidos e devolvidos ao mangue. O comandante do Batalhão Florestal da PM, coronel José Luiz França Knoller, reconhece que a repressão à captura de caranguejos gera um problema social, mas, segundo ele, a ação vai beneficiar os próprios catadores a partir de 15 de dezembro:

— A partir de 15 de dezembro, eles terão uma quantidade enorme de caranguejos, com qualidade e preço de venda melhores.

Coordenador do projeto SOS Itaóca, o assistente social Luís Roberto Carneiro disse que a Secretaria municipal de Desenvolvimento Social vai manter ação permanente no local, em virtude das carências da comunidade:

— Existem moradores que há anos não saem da ilha para nada. Eles são arredios. Só foi possível fazer o censo dos pescadores e catadores com ajuda dos estudantes do Ciep de Itaóca. Como eles moram no local, foi mais fácil estabelecer o contato.

O assistente social participou de oito reuniões com a comunidade e constatou que, por falta de opções de trabalho, pescadores estão entrando na marginalidade. Até o mês que vem, o SOS Itaóca vai pedir ajuda a empresários e à sociedade para mandar bolsas de alimentos para as famílias que só não estão passando fome porque conseguem peixes e siris na Praia da Luz. Outros foram para Paquetá trabalhar como garis ou como empregados domésticos. ■

04/10/98
8/11/98
24
81